

Os xavantes queriam suas terras e a paz. Agora só querem suas terras.



A maior das sete aldeias xavantes é a de São Marcos

Os xavantes já não querem os conselhos dos padres; já não esperam que a FUNAI resolva o problema de suas terras ocupadas pelo invasor; já não acreditam nas autoridades da Polícia Federal, do governo de Mato Grosso e do governo de Brasília. Esperam que os topógrafos voltem para demarcar suas terras — mas esperam só até o final do ano. Depois, vão confiar apenas na autoridade de suas flechas e bordunas. Dos enviados especiais Moisés Rabinovici, texto, e Sidney Corallo, fotos.



Apoena, o chefe da tribo (à direita), fala em xavante: "Aqui terreno do índio".

Corda Vermelha foi chamar Apoena, o chefe da tribo dos Homens de Verdade, que a civilização conhece por Xavantes. Querida que ele próprio, o cacique, o grande capitão, desse a notícia aos homens brancos que estavam ali: — Índios já sem paciência. Índios vão à guerra. Índios se pintam e se preparam para a guerra. Último prazo para brancos deixarem as terras ocupadas termina no fim do ano. Depois, índios lutam.

So ha um pacificador que pode evitar, atualmente, a mais nova guerra entre índios e brancos. E mesmo assim, se aparecer depressa, até o fim do ano. Sem a sua presença, a guerra então será declarada: o primeiro ataque está marcado para janeiro de 1974.

Os Homens de Verdade só confiam agora naquele a quem chamam de Medidor, às vezes Medidor, o topógrafo.

Os índios não querem mais os conselhos dos padres que estão a seu lado; perderam as esperanças na eficiência da FUNAI; não acreditam mais nas autoridades da Polícia Federal, do governo do Mato Grosso e também de Brasília. A única autoridade que respeitam hoje é o Medidor. E depois, a autoridade de suas bordunas, de seus arcos e flechas, de seus fortes guerreiros.

1 (Os índios de São Marcos possuem 150 espingardas. Flaubert, capítulo 22, mas não as usariam numa guerra: por tradição, obrigando-se a usar apenas as armas que conseguem fabricar. As armas de fogo são para a caça, uma das principais atividades da tribo).

2 Entardece em São Marcos, Mato Grosso, a quase dois mil quilômetros de São Paulo. Uma lâmpada, luz elétrica que vem da usina dos índios, no Rio das Mortes, clareia a aldeia. Então, alguns índios, jovens, cabelos pretos, muito lisos e compridos, põem-se a cantar, de mãos dadas. Agradece o dia passado, que agora acaba.

3 Apoena começa o seu discurso, gesticulando muito. Todos o ouvem. Ele está realmente zangado.

4 Em São Marcos, por isso, a situação é tensa, grave. A aldeia tem um problema externo: os ter-

ritórios ocupados por fazendeiros. E outro, interno, captado pelos padres salesianos que trabalham junto à tribo: a luta pelo poder. Há vários líderes jovens passando por cima da autoridade de Apoena e tentando resolver, sozinho, cada um a sua maneira, a questão de terras. Quem conseguir, ganhará muito prestígio.

5 (Os padres salesianos acreditam que a ampliação da disputa pelo poder ampliou a importância e urgência da luta pelas terras. Mas não acham que a questão de terras se tornou, para os índios, apenas um problema político. Os índios hoje vivem em 14 mil hectares. Mas têm, por direito, 82 mil hectares. Precisam deles para caçar e plantar livremente.)

6 Folha Grande traduz outro trecho do discurso de Apoena: — O capitão disse: a verdade aqui e terreno do índio. Os fazendeiros estão inventando.



7 Corda Vermelha: "Mandaram o medidor embora". Fizem que até os parentes deles são donos da terra da gente. A terra aqui, antigamente, era do índio, aqui andava a gente, ou também andava aqui. Não tinha morador, não. Não tinha fazendeiro. Só tinha índio. Então, eles dizem contentes lá em Brasília, conversam com presidente e ministro, que agora não saíram do nosso terreno, da nossa terra, reserva índio. Fizem contentes. Mas aqui terreno do índio!

8 (O relato que se segue foi feito por velhos índios ao padre Bartolomeu Giacaria, missionário salesiano, diretor do posto de Sangradouro. Ele e o irmão leigo Adalberto Heide são os autores de um livro que reúne os 40 mitos fundamentais para a compreensão da cultura Xavante. O nome do livro é "Xavante. Povo Autêntico".)

9 "Antigamente os Xavantes habitavam em U'rere e os brancos vieram morar entre os Xavantes e no início pareciam bons. Tivam-lhes presentes. Depois os brancos falaram entre si: — Maltratamos os Xavantes e roubamos as suas mulheres. E os Xavantes perceberam que os brancos queriam fazer-lhes mal e disseram: — Fazemos também nos mal a eles, matemos os seus porcos. Os dois chefes Xavantes contaram aos brancos que os Xavantes matavam porcos e assim os brancos atacaram e prenderam os Xavantes. Assim os Xavantes foram expulsos de U'rere. Então os Xavantes disseram: — Matemos os dois chefes, que estão sempre conosco e não nos defendem. O grupo fica aqui em casa, enquanto nós vamos esconder-nos na mata onde passam os dois chefes. Quando os dois chefes passaram lá, foram presos e mortos e, junto com eles, também os seus amigos e uma mulher que queria defendê-los. Depois os Xavantes foram mais para frente e construíram outro acampamento. Um outro grupo de brancos seguiu. Os Xavantes estavam cobrindo as choças com palha seca e os brancos alcançaram-nos onde estavam. E aqui os brancos, disparando, mataram muitos Xavantes. O grupo de Xavantes que vivia com os brancos, ajudava a matar, quase todos foram massacrados. Dois Xavantes homens escaparam. Esses dois homens foram levados pelos brancos. Esses dois homens foram para outros lugares e encontraram outras tribos, até encontrarem os Xavantes."

10 Este é o resumo dos velhos Xavantes para os últimos séculos de sua história. Hoje, eles estão aqui, em sete aldeias, no Mato Grosso.

11 Os Xavantes sempre falam que vieram do Oriente, do mar. Opôré. Mas o branco só foi encontrá-los, pela primeira vez, na metade do século 18, a mil quilômetros do mar, em Goiás.

12 Os primeiros brancos que eles conheceram foram os bandeirantes. E depois, os brancos colonos, os pacificadores, os catequizadores, os brancos amigos e inimigos, até chegarem ao branco invasor, possuidor de suas terras.

13 A grande pacificação começou em 1784 e 1788, com o governador Tristão da Cunha, o tenente dos dragões José Rodrigues Freire e dezenas de índios Caiapós, inimigos irreconciliáveis dos Xavantes.

(Na mesma forma, hoje, os Xavantes ajudam na pacificação dos índios gigantes, perto de suas terras, no rio Peixoto de Azevedo. Mas eles tratam os Kranhacóros como irmãos que devem proteger contra o que hoje enfrentam: a ocupação de suas terras.)

A paz começou com uma violência: a captura de um guerreiro. O índio, aprisionado, foi levado para a cidade de Vila Boa. Teu-se a ele o nome civilizado de Tristão da Cunha. "ação que grandemente encheu de vaidade o amor próprio daquele bárbaro, que apesar de sua grosseira e brutal educação, sabia conhecer os seus direitos e não era insensível às atenções com que o tratava o grande cacique dos brancos", segundo crônica do roteiro de uma viagem datado de 1815.

Mais tarde, educado, o índio Tristão da Cunha foi mandado de volta à sua aldeia, onde o julgavam morto. E ele convenceu seus irmãos a viverem em paz com os brancos. Em 13 de janeiro de 1788, a tribo entrou na cidade de Pedro III, onde ouviram:

14 "Em nome do nosso capitão grande, vos faço real entrega desta aldeia, que para vósso domínio real é destinado, a qual pertencendo-vos de hoje em diante como própria, também sereis perpetuos possuidores d'estes dilatados campos, rios e bosques, até onde as vossas vistas possam alcançar".

E desta época até hoje, os índios sempre migraram, seguindo a distância que suas vistas alcançava.

15 Os Homens de Verdade foram deixando as terras originais. Migravam pelo Mato Grosso de terras de guerras com outros índios, os Caiapós e os Bororós, com novos brancos, entre eles mesmos, ou por doença. Saíndo da Maratobre e Tunari, perto do rio Cristalino, eles foram para a Serra do Roncador, onde houve uma grande separação: alguns índios partiram para o Norte, em direção a São Félix, outros para os Arcozes; outros ainda para as terras do rio Culuene; e uma nova subdivisão, por causa de lutas internas. Foi então que os índios começaram a chegar a Batovi, Paraíso, Sangradouro e São Marcos.

16 Em 1934, um grupo de índios matou dois padres que tentavam aproximar-se deles mostrando um crucifixo. Eram os padres Fuchs, suíço, e Sacillotti, paulista. Em 6 de novembro de 1941, os xavantes se tornaram famosos, temidos: exterminaram uma expedição inteira, a do doutor Pimentel Barbosa, que tentava pacificá-los.

17 O primeiro herói dos Xavantes surgiu em 1943, acompanhado por vários guerreiros da tribo Xerentes, que descende dos Timbiras e falam a mesma língua. A sertanista Francisco Meirelles, que morreu o ano seguinte, no Rio, longe da selva e dos índios que o apavoravam. A paz com os brancos foi feita, depois de um namoro que durou alguns anos. E os índios, pacificados, ganharam terras por um decreto do governador de Mato Grosso, Arnaldo Figueiredo. As terras eram a garantia da paz.

18 O governador seguinte, Fernando Correia, não ligou para o acordo com os índios e nem para o decreto: começou a vender as terras do índio.

19 Os índios começaram a reclamar, mas então eram pacíficos, confiavam em que o branco não iria enganá-los ou esquecê-los.

20 Reclamaram até 1968, quando o atual ministro do Interior foi às suas aldeias visitá-los. A ele contaram sua queixas. E em 18 de outubro de 1969, os ministros militares, no exercício da Presidência da República, assinaram um decreto determinando as áreas a serem habitadas pelos Xavantes. Isso adiantou muito pouco, porque os fazendeiros que compraram legalmente as terras vendidas ilegalmente, recusavam-se a sair.

21 E os índios voltaram a reclamar, preparando-se, de vez em quando, para uma eventual guerra com os fazendeiros.

ros daqui para São Marcos. Terminando medição aqui, ajudamos irmãos noutra aldeia.

22 Corda Vermelha lembra o dia em que foi expulso o Medidor. — Era sábado. O filho do fazendeiro Otacilio — Zeca, com alguns peões, barraram nosso caminho na estrada. Perguntaram ao Medidor: — Onde vai? O Medidor disse: — Vou começar a medir, Zeca, bravo, ameaçou: — Pode começar e acabar. Ai o Medidor, com medo, torce o pescoço.

23 Os Xavantes querem de volta o Medidor. Foram exigido pacificamente em Brasília, no dia 2 de outubro, junto ao Presidente e ao Ministro do Interior. Estiveram também na FUNAI, onde pediram armas. E reclamaram providências ao governo do Mato Grosso.

24 Os enviados dos Xavantes — Apoena; Mário Juruna, o Folha Grande; Corda Vermelha; e Jair, Wadzazé — voltaram para a aldeia com um novo prazo das autoridades: 18 de outubro. Esperaram até o dia 26, quando então perderam a paciência. Um grupo guerreiro cercou a fazenda de Otacilio Tontinho, a mais próxima de São Marcos. Era o início da guerra.

25 Os índios se aproximaram da casa — lembra o peão Claro Rodrigues dos Santos, hoje tomando conta sozinho da fazenda, com sua mulher e uma filha. — Foram se aproximando e pegando os trens daqui de dentro e pondo do lado de fora. Diziam: — Aqui terreno do índio. Ninguém reagiu. Quando tudo já estava fora de casa, os índios partiram, dando um prazo para que saíssemos daqui. Um dia depois, veio a Polícia Federal. E aí muita gente deixou a fazenda. Fiquei aqui só eu. Dizem que a polícia levou daqui dois canhões. Os índios dizem isso. Mas as duas peças, feitas a mão, nem disparavam. Eram só para assustar.

26 Os fazendeiros tem canhão — diz Corda Vermelha. Assim grande... (e abre as mãos para mostrar o tamanho).

27 São maior os canhões — diz Folha Grande.



Ari: "podemos mandar guerreiros".

28 Abrindo mais os braços do que Corda Vermelha.

29 Eles tem até canhões — diz padre Mario, Panziera diretor do posto de São Marcos.

30 Canhão? Você está brincando! Nunca encontramos canhões na fazenda do Otacilio — dizem funcionários da FUNAI, em Cuiabá.

31 Canhão? Não pegamos nenhum — dizem os dois agentes da Polícia Federal enviados a região de São Marcos para impedir o início da luta.

32 Apoena interrompe o discurso. Os índios jovens estão passando, cantando muito alto. Folha Grande toma a palavra:

33 Queremos a terra em paz, sem morrer e sem estragar ninguém. Tudo em paz. Mas eles não querem sair. Não acatam não. Xavante não está brincando. Xavante não tem medo para morrer. Não tem canhão, balas, não tem casa, não tem nada. Por isso Xavante tem coragem para morrer. Pronto. Xavante não tem medo. Vamos esperar só até fim de ano. Ano que vem a gente começa a matar um bocado de gado. Eu aviso. Xavante está avisando: se fazendeiro não sair, vai ter muita luta.

34 Corda Vermelha, Folha Grande e o cacique Apoena estão ali também, olhando a aldeia, os brancos à sua frente, ao fundo as casas dos missionários, a serraria e a garagem, os dois campos de futebol.

35 Agora Folha Grande quer perguntar. Folha Grande quer saber ordem de quem os senhores vieram aqui. Isto quer saber: ordem de quem?

— Trabalhamos num jornal...
— E quem é o chefe dos senhores?
— Um jornalista.
— Chefe não é o governo?
— Não.
— Isto que queria saber. No governo tá tudo para contra de nós.

Apoena começa a discutir em xavante com Corda Vermelha e Folha Grande.

15 E difícil encontrar os fazendeiros nas terras dos índios, em suas casas. Em julho, quando se reuniram pela primeira vez para uma tomada de posição, decidiram enviar um memorial ao presidente da República afirmavam: "...quado a Funai começou o trabalho de criação dessas reservas sabia que as terras ocupadas pelos indígenas tinham proprietários legais." Na época, em Brasília prometeu-se "evitar injustiças".

Dois fazendeiros paulistas, Gentil Stortil Filho e Luiz Carlos Ribeiro Costa, foram ao Departamento de Terras de Mato Grosso, também em julho, pedir esclarecimentos sobre a situação das terras que compraram, em 1948, legalmente. Foram informados que "o Estado do Mato Grosso havia vendido aquelas terras em boa fé e que elas, na verdade, nunca foram reservadas".

O fazendeiro Sílvio Coelho, presidente do Sindicato Rural de Barra do Garças, no Mato Grosso, já dizia há algum tempo, falando por todos os fazendeiros da região que tem problemas com os Xavantes:

— Mesmo que os índios queiram, não terão oportunidade de lutar: os fazendeiros, ao menor sinal de hostilidade, retiraram-se provisoriamente de suas fazendas, para evitar o conflito.

Alguns fazendeiros propuseram ao governo algumas alternativas, desde que a situação entre eles e índios ficou tensa:

— Mudar os Xavantes para a Ilha do Bananal; para o Parque Nacional do Xingu; ou ainda, para a Chapada dos Guimarães, uma área de 50 mil hectares que já é reserva indígena destinada aos beizos de pau, mas hoje desabitada.

Para os fazendeiros, é justo que o governo dê reservas aos índios, desde que pague as indenizações. A solução que eles se recusam a aceitar é a expropriação, como determina a Constituição.

Na semana passada, um fazendeiro de Arcozes, perto de Xavantina, procurou a FUNAI, em Cuiabá. Francisco Balena, dono de 2.500 hectares comprados legalmente, está ameaçado de perder parte das terras, uns 1.500 hectares, ou 650 mil cruzeiros. Ele não se importa. "pois da mais valor à vida que às posses".

Mas Francisco tem uma idéia, que pode ser aplicada a todos os fazendeiros que hoje ocupam os territórios indígenas:

— Não quero indenização. Ela demora, às vezes a gente espera vinte anos para recebê-la. Eu quero fazer uma permuta. Saio em paz das terras dos índios e o governo me dá novas terras, do mesmo tamanho, em qualquer lugar do Brasil. Mas se não houver permuta, saio assim mesmo, em paz.

Francisco Balena não culpa diretamente os índios: — Eles não são culpados. Os culpados mesmo são os missionários, que os instigam.

Os fazendeiros acham que nós é que incentivamos o índio em sua luta pela posse da terra. Estão enganados. Nossa intervenção, neste caso, visa sempre aos dois, fazendeiro e índio. Não queremos que lutem — diz padre Mario, diretor do posto de São Marcos.

— E preciso chegar à raiz do problema. E o problema não é bem entre brancos e índios, mas entre brancos e brancos, entre quem vendeu terras ilegais e quem comprou. Nesta história, os índios são as vítimas — diz padre Nicolau, do posto de Merure, onde fica a aldeia dos índios Bororós, fundada em 1902.

— Uma vez que ficou evidenciada a impossibilidade de diálogo com o ministro do Interior, por meio da FUNAI, e os Xavantes continuam a praticar atos de pilhagem, principalmente roubando e matando gado, apresentei ao presidente da República a documentação relativa aos títulos de propriedade dos fazendeiros e fotos de benfeitorias e áreas cultivadas na área demarcada pela FUNAI, diante disso, ele prometeu estudar o assunto — disse o deputado, Gastão Muller, de Mato Grosso que, em setembro, tratou da questão com o presidente da República, em nome de todos os fazendeiros que se encontram nas terras indígenas.

Procurado esta semana, o deputado Gastão Muller, o porta-voz dos fazendeiros, recusou-se "a abrir a boca". — Tudo que falei, até hoje, sobre este assunto, foi deturpado. Em consequência, recebi cartas desafortunadas de muita gente. Não abro mais a boca. O que fiz, até agora, foi expor ao presidente da República a situação dos fazendeiros e índio em Mato Grosso. Não quero mais falar sobre este assunto.

16 (O pacificador que os índios de São Marcos esperam, o Medidor, o topógrafo, deverá chegar a aldeia até o fim do ano. Então, demarcará as terras. E a polícia ficará encarregada de observar a retirada dos fazendeiros. E isto que se diz, oficialmente, na Funai, em Cuiabá.)